

## Desejo e Prazer

Gilles Deleuze

DELEUZE, Gilles. Désir et plaisir. *Magazine Littéraire*. Paris, n. 325, oct, 1994, pp. 57-65.

A

Uma das teses essenciais de Vigiar e Punir<sup>1</sup> dizia respeito aos dispositivos de poder. Ela me parecia essencial sob três aspectos:

1) Em si mesma e em relação a certo esquerdismo, notei a profunda novidade política dessa concepção de poder, por oposição a toda teoria do estado.

2) Em relação a Michel, ela era essencial, pois lhe permitia ultrapassar a dualidade das formações discursivas e das formações não-discursivas, que subsistia em A Arqueologia do Saber, e explicar como os dois tipos de formações se distribuíam ou se articulavam segmento por segmento (sem que um fosse reduzido ao outro, sem que fossem levados a se assemelharem etc.). Não se tratava de suprimir a distinção, mas de encontrar uma razão de suas relações.

3) Ela era também essencial graças a uma consequência precisa: os dispositivos de poder não procediam por repressão e nem por ideologia. Havia, portanto, ruptura com uma alternativa que era mais ou menos aceita por todo mundo. Em vez de repressão ou ideologia, VP formava um conceito de normalização e de disciplinas.

B

Parecia-me que essa tese sobre os dispositivos de poder tinha duas direções, de maneira alguma contraditórias, mas distintas. De qualquer modo, esses dispositivos eram irreduzíveis a um aparelho de Estado. Porém, de acordo com uma direção, eles consistiam numa multiplicidade difusa, heterogênea, a dos microdispositivos. De acordo com a outra

---

<sup>1</sup> As referências bibliográficas das obras de Foucault e suas respectivas abreviaturas utilizadas ao longo dessas notas (AS, VP e VS) estão especificadas no final.

direção, eles remetiam a um diagrama, a uma espécie de máquina abstrata imanente a todo o campo social (o panoptismo, por exemplo, definido pela função geral de ver sem ser visto, aplicável a uma multiplicidade qualquer). Eram como duas direções de microanálise, igualmente importantes, pois a Segunda mostrava que Michel não se contentava com uma "disseminação".

## C

O livro *A vontade de saber* dá um novo passo em relação a VP. O ponto de vista permanece exatamente este: nem repressão, nem ideologia. Porém, e para dizê-lo em poucas palavras, os dispositivos de poder não se contentam em ser normalizantes, mas tendem a ser constituintes (da sexualidade). Eles não se contentam em formar saberes, mas são constitutivos da verdade (verdade do poder). Já não mais se referem a "categorias", apesar de tudo negativas (loucura, delinquência como objeto de confinamento), mas a uma categoria dita positiva (sexualidade). Este último ponto é confirmado pela entrevista dada a *La Quinzaine Littéraire* (FOUCAULT, Michel. *Les rapports de pouvoir passent à l'intérieur des corps*. *La Quinzaine Littéraire*, nº 247, p. 4-6, 1-15/jan. 1977. Entrevista com Lucette Finas). A esse respeito, portanto, creio ter havido na VS um novo avanço na análise. Eis o perigo: será que Michel retorna a um análogo a um "sujeito constituinte", e por que experimenta ele a necessidade de ressuscitar a verdade, mesmo fazendo dela um novo conceito? Penso que essas falsas questões, que não são minhas, serão levantadas enquanto Michel não tiver explicado mais.

## D

Para mim, uma primeira questão era a natureza da microanálise que Michel estabelecia desde VP. Entre "micro" e "macro", a diferença não era evidentemente de tamanho, no sentido em que microdispositivos seriam concernentes a pequenos grupos, pois a família, por exemplo, não tem menos extensão que qualquer outra formação. Trata-se menos ainda de um dualismo extrínseco, pois há microdispositivos imanentes ao aparelho de Estado, assim como há segmentos de aparelho de Estado que penetram também os microdispositivos. Não há dualismo extrínseco, mas imanência completa das duas dimensões. Seria então preciso compreender que a diferença é de escala? Uma página de VS (p. 132) recusa explicitamente essa interpretação. Mas essa página parece remeter o macro ao modelo estratégico e o micro ao modelo tático. Isso incomoda, pois me parece que os microdispositivos, para Michel, têm toda uma dimensão estratégica, sobretudo se

leva-se em conta que esse diagrama do qual são eles inseparáveis. Uma outra direção seria a das "relações de força", vistas como aquilo que determina o micro (cf., notadamente, a entrevista publicada em *La Quinzaine*). Mas Michel, creio eu, não desenvolveu ainda esse ponto; sua concepção original das relações de força, o que ele denomina relação de força, deve ser um conceito tão novo quanto todo o resto.

Em todo caso, há diferença de natureza, heterogeneidade entre micro e macro, o que de modo algum exclui a imanência dos dois. Mas, no limite, minha questão seria a seguinte: essa diferença de natureza permite que se fale ainda em dispositivos de poder? A noção de Estado não é aplicável no nível de uma microanálise, pois, como diz Michel, não se trata de miniaturizar o Estado. Mas seria mais aplicável a noção de poder? Não é também ela a miniaturização de um conceito global?

Chego, assim, a minha primeira diferença com Michel, atualmente. Se com Félix Guattari, falo em agenciamento de desejo, é por não estar seguro de que os microdispositivos possam ser descritos em termos de poder. Para mim, agenciamento de desejo marca que o desejo jamais é uma determinação "natural", nem "espontânea". Por exemplo, a feudalidade é um agenciamento que põe em jogo novas relações com o animal (o cavalo), com a terra, com a desterritorialização (a corrida do cavaleiro, a Cruzada), com as mulheres (o amor cavalheiresco)... etc. Agenciamentos totalmente loucos, mas sempre historicamente assinaláveis. De minha parte, diria que o desejo circula nesse agenciamento de heterogêneos, nessa espécie de "simbiose": o desejo une-se a um agenciamento determinado; há um co-funcionamento. Seguramente, um agenciamento de desejo comportará dispositivos de poder (poderes feudais, por exemplo), mas será preciso situá-los entre os diferentes componentes do agenciamento. Conforme um primeiro eixo, pode-se descobrir nos agenciamentos de desejo os estados de coisas e as enunciações (o que estaria em conformidade com a distinção feita por Michel dos dois tipos de formações ou de multiplicidades). Conforme um outro eixo, seriam distinguidas as territorialidades ou reterritorializações e os movimentos de desterritorialização que desencadeiam um agenciamento (por exemplo, todos os movimentos de desterritorialização que arrebatam a Igreja, a cavalaria, os camponeses). Os dispositivos de poder surgiriam em toda parte em que se operam reterritorializações, mesmo abstratas. Logo, os dispositivos de poder seriam um componente dos agenciamentos. Mas os agenciamentos também comportariam pontas de desterritorialização. Em suma, não seriam os dispositivos de poder que agenciariam ou que seriam constituintes, mas os agenciamentos de desejo é que disseminariam formações

de poder segundo uma de suas dimensões. Isso me permitiriam responder a seguinte questão, necessária para mim, mas não para Michel: como o poder pode ser desejado? Portanto, a primeira diferença seria esta: para mim o poder é uma afecção do desejo (reafirmando-se que jamais o desejo é uma "realidade natural"). Tudo isso é muito aproximativo: há relações mais complicadas, que não aponto, entre os dois movimentos, de desterritorialização e de reterritorialização. Mas é nesse sentido que o desejo me pareceria ser primeiro, apresentando-se, assim, como elemento de uma microanálise.

E

Não deixo de seguir Michel num ponto que me parece fundamental: nem ideologia, nem repressão; por exemplo, os enunciados, ou, sobretudo as enunciações, nada têm a ver com ideologia. Os agenciamentos de desejo nada têm a ver com repressão. Mas, evidentemente, em relação aos nossos dispositivos de poder, não tenho a mesma firmeza de Michel; fico indeciso, visto o estatuto ambíguo que eles apresentam para mim. Em VP, Michel diz que eles normalizam e disciplinam, eu diria que eles codificam e reterritorializam (e suponho que haja aí algo mais que uma distinção de palavras). Mas, visto que afirmo o primado do desejo sobre o poder, ou o caráter secundário que tomam para mim os dispositivos de poder, as operações destes guardam um efeito repressivo, pois esmagam não o desejo como dado natural, mas as pontas dos agenciamentos do desejo. Tomo uma das teses mais belas da VS: o dispositivo da sexualidade assenta a sexualidade sobre o sexo (sobre a diferença de sexos... etc.; e a psicanálise está inteiramente à vontade na tentativa desse rebatimento). Vejo aí um efeito de repressão, precisamente na fronteira do micro e do macro: a sexualidade – como agenciamento de desejo historicamente variável e determinável, com suas pontas de desterritorialização, de fluxo e de combinações – será assentada sobre uma instancia molar, "o sexo". Mesmo que os procedimentos desse rebatimento não sejam repressivos, o efeito (não ideológico) é repressivo, uma vez que os agenciamentos são rompidos não só em suas potencialidades, mas em sua microrrealidade. Desse modo, os agenciamentos só podem existir como fantasmas, que os mudam ou os desviam completamente, ou como coisas vergonhosas... etc. Eis um pequeno problema que muito me interessa: por que certos "perturbados", ao contrário do enurético e do anorético, por exemplo, são mais passíveis e até mesmo dependentes da vergonha? Tenho pois, necessidade de certo conceito de repressão sobre uma espontaneidade, mas porque, tendo os agenciamentos coletivos muitas dimensões, os dispositivos de poder seriam somente uma delas.

F

Eis outro ponto fundamental: creio que a tese "nem repressão – nem ideologia" tem um correlato, e talvez ela própria dependa desse correlato. Um campo social não se define por suas contradições. A noção de contradição é global, inadequada, e que já implica cumplicidade dos "contraditórios" nos dispositivos de poder (por exemplo, as duas classes, a burguesia e o proletariado). Com efeito, parece-me que uma grande novidade da teoria do poder, em Michel, seria ainda a seguinte: uma sociedade não se contradiz, ou se contradiz muito pouco. Mais eis sua resposta: ela se estrategiza, ela estrategiza. Acho isso muito bom; vejo bem a imensa diferença (estratégia - contradição), e eu precisaria ler Clausewitz sob esse aspecto. Não me sinto à vontade nessa idéia.

De minha parte, diria o seguinte: uma sociedade, um campo social não se contradiz, mas ele foge, e isto é primeiro. Ele foge de antemão por todos os lados; as linhas de fuga é que são primeiras (mesmo que primeiro não seja cronológico). Longe de estar fora do campo social ou dele sair, as linhas de fuga constituem seu rizoma ou cartografia. As linhas de fuga são quase a mesma coisa que os movimentos de desterritorialização: elas não implicam qualquer retorno à natureza; elas são as pontas de desterritorialização nos agenciamentos de desejo. O que é primeiro na feudalidade são as linhas de fuga que ela supõe; o mesmo pode ser dito dos séc. X-XIII; da formação do capitalismo. As linhas de fuga não são forçosamente "revolucionárias", podendo ocorrer o contrário disso, mas são elas que os dispositivos de poder vão colmatar, vão atar. Por exemplo, todas as linhas de desterritorialização que se precipitam em torno do século XI: as últimas invasões, os bandos de pilhagem, a desterritorialização da Igreja, as emigrações camponesas, a transformação da cavalaria, a transformação das cidades, que abandonam cada vez mais os modelos territoriais, a transformação da moeda, que se injeta em novos circuitos, a mudança da condição feminina com temas do amor cortês, que desterritorializam até mesmo o amor cavalheiresco... etc. A estratégia só poderá ser Segunda em relação às linhas de fuga, às suas conjugações, às suas orientações, suas convergências e divergências. Encontro também aí o primado do desejo, pois o desejo está precisamente nas linhas de fuga, na conjugação e dissociação de fluxo. O desejo se confunde com elas.

Parece-me, então, que Michel encontra um problema que não tem o mesmo estatuto para mim. Com efeito, se os dispositivos de poder são de alguma maneira constituintes, só pode haver contra eles fenômenos de "resistência", e a questão incide sobre o estatuto desses

fenômenos. Sem dúvida, eles serão menos ainda ideológicos e anti-repressivos. Daí a importância das duas páginas de VS, nas quais Michel afirma: que não me façam dizer que esses fenômenos sejam um engodo... mas, qual estatuto vai lhes dar ele? Há várias direções aqui: 1) aquela da VS (p. 126-7), na qual fenômenos de resistência seriam como uma imagem invertida dos dispositivos; teriam eles as mesmas características, difusão, heterogeneidade... etc.; eles estariam “frente a frente”. Mas essa direção parece-me bloquear as saídas tanto quanto encontrar uma. 2) A direção apontada na entrevista relativa à função política do intelectual: se os dispositivos de poder são constitutivos de verdade, se há uma verdade do poder, deve haver aí, como contra estratégias, uma espécie de poder da verdade contra os poderes. Donde, em Michel, o problema do papel do intelectual, donde sua maneira de reintroduzir a categoria de verdade, o que me leva a perguntar o seguinte: renovando completamente essa categoria, ao fazê-la depender do poder, ele encontrará nessa renovação uma matéria retornável contra o poder? Mas aqui não vejo como. É preciso esperar que Michel, no nível da microanálise, diga essa nova concepção de verdade.

3) A terceira direção é a dos prazeres, do corpo e seus prazeres. Também aqui, mesma a expectativa para mim: como os prazeres animam contrapoderes, e como ele concebe essa noção de prazer?

Certos problemas que se colocam para mim não se colocam para Michel, porque eles são de antemão resolvidos pelas pesquisas que são próprias dele. Inversamente, para encorajar-me, digo-me que outros problemas não se colocam para mim e se colocam para ele por necessidade de suas teses e sentimentos. As linhas de fuga, os movimentos de desterritorialização, como determinações coletivas históricas, não me parecem ter equivalente em Michel. Para mim, não há o problema de um estatuto dos fenômenos de resistência: já que as linhas de fuga são determinações primeiras, já que o desejo agencia o campo social, são, sobretudo os dispositivos de poder que se acham produzidos por esses agenciamentos, ao mesmo tempo em que esmagam ou os colmatam. Compartilho do horror de Michel por aqueles que se dizem marginais: acho cada vez menos suportável o romantismo da loucura, da delinquência, da perversão, da droga. Mas para mim, não são criadas pelos marginais as linhas de fuga, isto é, os agenciamentos de desejo. Ao contrário, elas são linhas objetivas que atravessam uma sociedade, na qual os marginais instalam-se aqui ou ali para fazer um círculo, um circuito, uma recodificação. Não tenho, pois, a necessidade de um estatuto dos fenômenos de resistência, uma vez que o primeiro dado de uma sociedade é que nela tudo foge, tudo se desterritorializa. Daí porque o estatuto do

intelectual e o problema político não serem os mesmos para Michel e para mim. Tentarei dizer ainda agora como vejo essa diferença.

G

Na última vez que nos vimos, Michel, como muita gentileza e afeição, disse-me mais ou menos o seguinte: não posso suportar a palavra desejo, mesmo que você a empregue de outro modo, não posso impedir-me de pensar ou de viver que desejo = falta, ou que desejo se diz reprimido. Michel acrescentou: então, para mim o que chamo de “prazer” talvez seja o que você denomina “desejo” de qualquer modo, tenho a necessidade de outra palavra que não desejo.

Evidentemente, mais uma vez, trata-se de outra coisa e não de uma questão de palavra, embora, de minha parte, suporte muito pouco a palavra “prazer”. Mas por quê? Para mim, desejo não comporta qualquer falta. Ele não é um dado natural. Está constantemente unido a um agenciamento que funciona. Em vez de ser estrutura ou gênese, ele é, contrariamente, processo. Em vez de ser sentimento, ele é, contrariamente, afeto. Em vez de ser subjetividade, ele é, contrariamente “hecceidade” (individualidade de uma jornada, de uma estação, de uma vida). Em vez de ser coisa ou pessoa, ele é contrariamente, acontecimento. O desejo implica, sobretudo a constituição de um campo de imanência ou de um “corpo sem órgãos”, que se define somente por zonas de intensidade, de limiares, de gradientes, de fluxos. Esse corpo é tanto biológico quanto coletivo e político; é sobre ele que os agenciamentos se fazem e se desfazem; é ele o portador das pontas de desterritorialização dos agenciamentos ou linhas de fuga. O corpo sem órgãos varia (o da feudalidade não é o mesmo do capitalismo). Se o denomino corpo sem órgãos, é porque ele se opõe a todos os estratos de organização, tanto aos da organização do organismo quanto aos das organizações de poder. São precisamente as organizações do corpo, em seu conjunto, que quebrarão o plano da imanência e imporão ao desejo um outro tipo de “plano”, estratificando a cada vez o corpo sem órgãos.

Se digo tudo isso de maneira tão confusa, é porque vários problemas colocam-se para mim em relação a Michel: 1) Não posso dar ao prazer qualquer valor positivo, porque o prazer parece-me interromper o processo imanente do desejo; o prazer parece-me estar do lado dos estratos e da organização; é no mesmo movimento que o desejo é apresentado como submetido de dentro à lei e escandido de fora pelos prazeres; nos dois casos, há negação de um campo de imanência próprio do desejo. Digo a mim mesmo que não é por acaso que

Michel atribui certa importância a Sade, e eu, ao contrário, a Masoch. Não seria suficiente dizer que sou masoquista e que Michel é sádico. Poderia ser conveniente dizer isso, mas não verdadeiro. O que me interessa em Masoch não são as dores, mas a idéia de que o prazer vem interromper a positividade do desejo e a constituição de seu campo de imanência; assim também, mas de outro modo, há no amor cortês a constituição de um plano de imanência ou de um corpo sem órgãos, no qual o desejo, que de nada carece, resguarda-se tanto quanto possível de prazeres que viriam interromper seu processo. Parece-me que o prazer é o único meio para uma pessoa ou sujeito "reencontrar-se" num processo que o transborda. É uma reterritorialização. Do meu ponto de vista, é da mesma maneira que o desejo é relacionado à lei da falta e à norma do prazer.

2) Em compensação, é essencial a idéia de Michel segundo a qual os dispositivos de poder têm com o corpo uma relação imediata e direta. Mas, para mim, ela é essencial se se considera que esses dispositivos impõem uma organização aos corpos. O corpo sem órgãos está ligado ao agente de desterritorialização (e, por aí, ao plano de imanência do desejo), ao passo que todas as organizações, todo o sistema daquilo que Michel chama de "biopoder", opera reterritorializações do corpo.

3) Poderia eu pensar em equivalências do tipo: o que para mim é o "corpo sem órgãos - desejos" corresponde ao que, para Michel, é "corpo - prazeres"? Posso relacionar a distinção "corpo-carne", da qual falava Michel, com a distinção "corpo sem órgãos - organismo"? Há uma página muito importante em VS (p.190) sobre a vida apresentada como o dá um estatuto possível às forças de resistência. Essa vida, para mim, aquela mesma de que fala Lawrence, de modo alguém é a Natureza; ela é justamente o plano de imanência do desejo, plano variável através de todos os agenciamentos determinados. Relaciono a concepção de desejo em Lawrence com as linhas de forças positivas. (Pequeno detalhe: a maneira pela qual, no final de VS, Michel se serve de Lawrence é oposta à maneira pela qual, eu me sirvo deste).

H

Será que Michel avançou no problema que nos ocupava, qual seja, o de manter os direitos de uma microanálise (difusão, heterogeneidade, caráter parcelar) e, todavia, encontrar uma espécie de princípio de unificação que não seja do tipo "Estado", "partido", totalização, representação?



Primeiramente, do lado do próprio poder, retorno às duas direções de VP: de um lado, caráter difuso e parcelar dos microdispositivos, mas, de outro lado, também diagrama ou máquina abstrata cobrindo o conjunto do campo social. Parece-me que a relação entre essas duas instâncias da microanálise permanecia como um problema em VP. Creio que a questão muda um pouco em VS: aqui, as duas direções da microanálise serão, sobretudo as microdisciplinas, de um lado e, de outro, os processos biopolíticos (pp 183 e ss.). Foi o que eu quis dizer no item C destas notas. Ora, o ponto de vista de VP sugeria que o diagrama, irredutível à instância global do Estado, operava talvez uma microunificação dos pequenos dispositivos. Será preciso compreender agora que os processos biopolíticos é que terão essa função? Confesso que a noção de diagrama me parecia muito rica: será que Michel a reencontrará nesse novo terreno?

Mas do lado das linhas de resistência, ou daquilo que denomino linhas de fuga, como conceber as relações ou as conjugações, as conjunções, os processos de unificação? Eu diria que o campo de imanência do coletivo, onde em dado momento se fazem os agenciamentos e onde eles traçam suas linhas de fuga, é também um verdadeiro diagrama. É preciso, então, encontrar o agenciamento complexo capaz de efetuar esse diagrama, operando a conjunção das linhas e das pontas de desterritorialização. É nesse sentido que eu falava de uma máquina de guerra totalmente diferente do aparelho de Estado e das instituições militares como também dos dispositivos de poder. De um lado, portanto, teríamos Estado-diagrama do poder, sendo o Estado o aparelho molar que efetua os microdados do diagrama entendido como plano de organização; de outra parte, teríamos máquina de guerra-diagrama das linhas de fuga, sendo a máquina de guerra o agenciamento que efetua os microdados do diagrama entendido como plano de imanência. Paro neste ponto porque isso colocaria em jogo dois tipos de planos muito diferentes, uma espécie de plano transcendental de organização contra o plano imanente dos agenciamentos, e porque tornaríamos a cair nos problemas precedentes. E aqui já não sei como situar-me em relação às pesquisas atuais de Michel.

(Adição: o que me interessa nos dois estados opostos do plano ou do diagrama é seu confronto histórico sob formas muito diversas: num caso, tem-se um plano de organização e de desenvolvimento que é oculto por natureza, mas que dá a ver tudo o que é visível; no outro, tem-se um plano de imanência, onde há tão-somente velocidades e lentidões, não-desenvolvimento, e onde tudo é visto, ouvido... etc. O primeiro plano não se confunde com o Estado, mas está ligado a este; o segundo, ao contrário, está ligado a uma máquina

de guerra, a um devaneio de máquina de guerra. No nível da natureza, por exemplo, Cuvier e também Goethe concebem o primeiro plano; Hölderlin, em *Hypérion*, e mais ainda, Kleist concebem o segundo tipo. De pronto, dois tipos de intelectuais, e convém comparar o que Michel diz a esse respeito com o que ele próprio diz sobre a posição do intelectual. Ou então, em música, onde se confrontam as duas concepções do plano sonoro. Pergunto se o liame poder-saber, tal como Michel o analisa, poderia ser assim exemplificado: os poderes implicam um plano-diagrama do primeiro tipo [por exemplo, a cidade grega e a geometria euclidiana]; mas, inversamente, do lado dos contrapoderes e mais ou menos em relação com máquinas de guerra, há o outro tipo de plano, espécie de saberes “menores” [a geometria arquimediana, ou a geometria das catedrais, que será contrabatida pelo Estado]. Todo um saber apropriado a linhas de resistência e que não tem a mesa forma do outro saber?)

### Referências Bibliográficas

- FOUCAULT, Michel (1969). *L'archéologie du savoir*. Paris: Gallimard. (AS)
- \_\_\_\_\_ (1975). *Surveiller et punir – naissance de la prison*. Paris: Gallimard (VP)
- \_\_\_\_\_ (1976a). *La volonté de savoir*. Paris: Gallimard (VS)
- \_\_\_\_\_ (1976b). *La fonction politique de l'intellectuel*. *Politique Hebdo*, 29 de novembro – 5 de dezembro.
- \_\_\_\_\_ (1977). *Les rapports de pouvoir passent à l'intérieur des corps*. (entrevista com Lucette Finas). *La Quinzaine Littéraire*, n. 247: 4-6, 1-15 jan.